

A 35/8 AGOSTO 1982
Liahona





A PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA:
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

CONSELHO
DOS DOZE:

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

COMITÊ
DE SUPERVISÃO:

M. Russell Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzo Busche

EDITOR:

M. Russell Ballard
EXECUTIVO DO

«INTERNACIONAL
MAGAZINE»:

Larry Hiller,
Editor Gerente;
David Mitchel,
Editor Associado;
Bonnie Saunders,
Seção Infantil;
Roger Gylling,
desenhista;
Norman Price,
produção.

EXECUTIVO DE

«A LIAHONA»:

Gelson Pizzirani,
Diretor Responsável;

Paulo Dias Machado,
Editor;

Victor Hugo da Costa
Pires, Assinaturas;

Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

A Liahona

AGOSTO DE 1982
PBMA0471PO
SÃO PAULO - BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1. Mensagem da Primeira Presidência: **NÃO É PRECISO TEMER SUA VINDA**, Presidente Gordon B. Hinckley
7. **AS ABÓBORAS DE PAUL**, W. Paul Hyde
9. **PERGUNTAS & RESPOSTAS**, Ellis T. Rasmussen
12. **PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY**, Elder Neal A. Maxwell
18. **UM ANO SEM VERÃO**, Peter K. Belville
20. **REFLEXÕES SOBRE O DIZIMO**, Glenn Latham
23. **O BOLO DE CHOCOLATE**, Esther Moore Brown
25. **TAPPI-EISKA**, Lea Mahoney
28. **MAIS RÁPIDO, MAIS ALTO, MAIS FORTE**, Robert L. Backman

SEÇÃO INFANTIL

- I MARIA E AS FLORES DE AÇAFRÃO, Marilyn Naito
- IV GEORGE ALBERT SMITH, 1870-1951, Howard Boughner
- VI DE UM AMIGO PARA OUTRO, Joleen Meredith

NOTÍCIAS LOCAIS

- 1 - Carta de Elder Brewerton
- 2 - Novo Administrador Executivo da Igreja no Brasil
- 3 - Novo Representante Regional
- 4 - Natal — A Cidade Presépio
- 6 - Reorganizada a Estaca Rio de Janeiro - Brasil
- 7 - Organizado o Distrito de Aracaju
- 8 - Nova Liderança na Estaca Rio Claro - Brasil — Criado o Distrito de Salvador
- 9 - "Procurai com Zelo os Melhores Dons"
- 10 - Programação durante o Carnaval — Natal em Abril
- 11 - A Magia do Folclore Mineiro — Teatro da Primária
- 12 - AFNSUD informa — O Poder do Sacerdócio
- 14 - Um Tempo Determinado por Deus
- 15 - Batizando Meus Pais
- 16 - Um Silêncio Especial

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o nº 1151 - P 209/73 de acordo com as normas em vigor

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 400,00 para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 20,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta e impressa por Bandeirante S.A. Gráfica e Editora, Rua Joaquim Nabuco, 351 - Fone 4523444 - São Bernardo do Campo - S.P. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

Mensagem da Primeira Presidência



Gordon B. Hinckley

NÃO É PRECISO TEMER SUA VINDA

Recentemente, tendo uma noite livre, assisti na televisão a uma série de noticiários. Todos eles trataram de conflitos, tristezas e opressões do mundo. Desliguei o aparelho e fui apanhar na sala um hinário. Nele encontrei estes versos sem par, escritos há muito tempo por Parley P. Pratt e que traduzem meus próprios sentimentos:

*Ó vem, supremo Rei,
Atende as petições
Vem libertar a tua grei,
Desejado das nações —
Ó vem os justos apartar,
A Israel provê um lar!
Hosanas alçarão
Os resgatados teus;
E as vozes erguerão,*

*Saudando a seu Deus —
Os doces hinos de Sião,
Ressoam pela amplidão!*

(“Ó Vem, Supremo Rei”, **Hinos nº 13.**)

Uma das coisas que eu sei e de que tenho certeza é que ele voltará. O saguão do Edifício dos Escritórios da Igreja, na Cidade do Lago Salgado, ostenta numa de suas paredes um belo mural retratando o Senhor ressurreto dando as instruções finais a onze de seus apóstolos. Nessa ocasião, ele os incumbiu de levar o evangelho a toda nação, tribo, língua e povo.

“E quando dizia isto, vendo-os, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultan-

do-o a seus olhos.

“E estando com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles se puseram dois varões vestidos de branco,

“Os quais lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir.” (Atos 1:9-11.)

Em toda a história da terra jamais houve um dia tão terrível quanto será o da Segunda Vinda.

Sei igualmente que na segunda vinda ele virá em glória, ao contrário do que aconteceu no meridiano dos tempos. Na primeira vez, condescendeu em vir como um bebê nascido numa manjedoura em Belém da Judéia, apesar de ser o grande Jeová, o Criador da terra e o Deus que falara aos profetas antigos. Ele palmilhou as poeirentas estradas da Palestina como “homem de dores e experimentado nos trabalhos” (Isaías 53:3); entregou-se nas mãos de homens malva-

dos e foi crucificado no Gólgota.

Em nossa época, o Senhor declarou: “Pois eis que, na verdade, eu te digo que o tempo se aproxima em que virei numa nuvem com poder e grande glória.

“E será um grande dia a ocasião da minha vinda, pois todas as nações estremecerão.

“Mas antes que venha aquele grande dia, o sol se escurecerá e a lua se tornará em sangue; e as estrelas perderão o brilho, e algumas cairão, e grandes destruições aguardam os iníquos.” (D&C 34:7-9.)

Nesta citação, existe uma frase que me intriga: “Todas as nações estremecerão.” Em sua arrogância e orgulhoso poder, o homem e as grandes nações se julgam invencíveis; seus líderes, porém, desconhecem a história.

Faz mais de quarenta anos que eu fui missionário nas Ilhas Britânicas. Naquele tempo, podia-se dizer sem errar que o sol nunca se punha no Império Britânico e sua bandeira drapejava sobre um quarto do mundo. Naqueles dias, a paz do mundo era a paz do Império Britânico. Hoje, esse império se foi, fragmentado em países independentes; e o leão britânico que rugia tão alto, hoje está velho, doente e fraco.

Acho fácil crer que as nações

tremerão quando o Filho de Deus vier reclamar seu reino, pois, no dia em que “o Filho do homem vier em sua glória e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono de sua glória:

“E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas.” (Mat. 25:31-32.)

Então haverá julgamento não só das nações como também do povo. “Eis que”, diz o Senhor, “o tempo compreendido entre o presente e a vinda do Filho do homem se chama hoje, e na verdade este é um dia de sacrifício, e um dia para o dízimo do meu povo; pois aquele que paga o dízimo não será queimado na ocasião de sua vinda.

“Pois, depois de hoje vem a queima... (quando todos os soberbos e os que praticam a iniquidade serão como o restolho; e eu os queimarei, pois sou o Senhor dos Exércitos; e não pouparei a nenhum que permanecer em Babilônia.” (D&C 64:23-24.)

Anos atrás, um de nossos irmãos chamou o pagamento do dízimo de “seguro contra fogo”, provocando risos. Não obstante, a palavra do Senhor é clara: aqueles que não guardam os mandamentos nem seguem as leis de Deus serão queimados por ocasião de sua vinda, pois

este será um dia de julgamento, de joeira, de separação dos bons dos maus. Em minha opinião, em toda a história da terra jamais houve um dia tão terrível quanto será o da Segunda Vinda — nada comparável às forças destrutivas da natureza, tão cheio de conseqüências para os povos da terra, tão terrível para os ímpios ou maravilhoso para os justos.

Será uma época de grandes e terríveis temores, de cataclismos naturais, de choro e lamentações, de arrependimento tardio demais, de brados de misericórdia ao Senhor. Para os que forem julgados aceitáveis porém, será um dia de ação de graças, pois o Senhor há de vir com seus anjos e os apóstolos que com ele estiveram em Jerusalém, e aqueles que tiverem sido ressuscitados. E mais, abrir-se-ão as covas dos justos e eles se levantarão. Terá início o grande Milênio, um período de mil anos no qual Satanás permanecerá amarrado e o Senhor reinará entre seu povo.

Conseguiu imaginar a maravilha e beleza dessa era em que o adversário não terá influência? Pensai na influência que ele exerce sobre vós agora e refleti na paz desse tempo em que estareis livre dela. Onde hoje há contendas e mal, haverá paz e bondade.

Sei que sabeis de tudo isso e muito mais contido nas escrituras, mas senti-me induzido a não repetir como um lembrete da fé e certeza desses acontecimentos vindouros. Conhecer a época exata desses eventos nos privaria de grande parte da autodisciplina necessária para a obediência constante aos princípios do evangelho.

Muitos de nós raramente nos lembramos desses acontecimentos vindouros, e talvez isto seja bom. Sem dúvida, não vale a pena especular acerca do dia e hora em que ocorrerão. Antes, vivamos cada dia de tal maneira que se o Senhor vier enquanto ainda estivermos na terra, possamos ser merecedores daquela transformação, “num piscar de olhos”, de seres mortais para imortais. E, se morrermos antes de sua vinda, — desde que tenhamos vivido conforme seus ensinamentos — ressurgiremos na manhã da primeira ressurreição e seremos participantes da maravilhosa experiência reservada para os que hão de viver e trabalhar com o Salvador no prometido Milênio. Não devemos temer o dia de sua vinda; o propósito da Igreja é prover o incentivo e oportunidade de conduzir nossa vida de maneira que possamos ser participantes do reino celeste, quando este reino

for estabelecido na terra. Gostaria de sugerir-vos algumas coisas proveitosas, caso forem seguidas:

Diz Miquéias, o profeta: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus?” (Miquéias 6:8.) Tal injunção contém assunto bastante para um longo sermão. Permitime abordar apenas um ponto: “Amar a beneficência.” Como exemplo, gostaria de ler um trecho de uma carta recebida de uma jovem senhora participante desse tipo de atividade como presidente da Sociedade de Socorro.

Ontem, (diz ela), passei grande parte do dia apanhando e distribuindo mantimentos. Um dos casos que atendi é trágico. Trata-se de uma senhora que anos atrás se acidentou num incêndio. Desde aí, submeteu-se a diversas cirurgias reparadoras, continuando ainda com o couro cabeludo seguro por grampos. É divorciada, e para sustentar-se com a filhinha de quatro anos, faz qualquer trabalho que consegue até terminar o tratamento e poder voltar para a escola, a fim de terminar seus estudos como dietista. Não tendo carro, depende unicamente da bicicleta

como transporte nesta nossa grande e movimentada cidade. Ela usou a bicicleta durante o inverno inteiro, chegando a percorrer quarenta e oito quilômetros por dia com a garotinha na garupa.

Faz uma semana, ela derrapou no pavimento congelado, caiu com a bicicleta, batendo a cabeça. Como não tem dinheiro para pagar as despesas médicas, recusou-se a procurar um hospital e ficou sofrendo sozinha no apartamento, até ser encontrada pela irmã que providenciou ajuda médica. A mãe não pôde ajudar muito. Quando sua professora visitante foi visitá-la, descobriu sua situação aflitiva. Ao visitá-la, como presidente da Sociedade de Socorro, verifiquei que não tinha o que comer em casa, nem medicamento para a diabete e muito menos dinheiro. Assim, ontem fui levar-lhe alguns mantimentos e remédios. Que grande oportunidade de servir alguém tão desesperadamente necessitado!

Amar a beneficência; andar em obediência ao mandamento do Senhor, dando do que temos para a promoção deste reino. Gostaria de, agora, compartilhar convosco o testemunho de um homem muito pobre na infância e que agora, na velhice, é abastado. Dizia ele diante da

congregação:

“Quando garoto, nos dias de verão gostava de ficar deitado no campo de alfafa, mastigando talos e olhando para o céu, imaginando onde estariam as janelas do céu das quais falavam meus pais. Não conseguindo vê-las nas nuvens, achava que deveriam estar algures no céu azul. Imaginava como seria possível

Pensei quão maravilhoso será poder estar, um dia, com confiança na presença de Deus.

abri-las para eu ganhar um novo uniforme de escoteiro, um pônei e uma bicicleta. Jamais consegui as coisas almeçadas, mas vi as janelas do céu se abrirem como beneficiário da bondade de bons e generosos vizinhos e amigos nesta ala em que vivemos.”

Finalmente, permiti-me ler umas poucas palavras de revelação pertinentes a este assunto: umas poucas palavras de mandamento e de promessa. O mandamento: “Que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente.” A promessa: “Então tua confiança se tornará forte na presença de Deus.” (D&C 121:45.) Venho pensando muito

nesta declaração. Tenho tido o privilégio de conhecer alguns presidentes dos Estados Unidos e líderes, legisladores e governantes de outros países, e é uma sensação confortante encontrarme na presença deles sentindo confiança. Foi por isso que pensei também quão maravilhoso será poder estar, um dia, com confiança na presença de Deus.

“O Espírito Santo será teu companheiro constante, e o teu cetro um cetro imutável de retidão e verdade,” prossegue dizendo o Senhor; “e o teu domínio um domínio eterno e, sem medidas compulsórias, que fluirá a ti para todo o sempre” (D&C 121:46) — incluindo, eu gostaria de acrescentar, quando o Senhor vier no grande dia que separará os justos dos iníquos.

Meus irmãos e irmãs, estas coisas vos testifico confiante na palavra revelada do Senhor; e oro humildemente, com sincero desejo de que todos nós, sem exceção, consigamos viver aqui e agora de maneira que não temamos nem nos preocupemos com o grande e terrível dia de sua vinda. Que Deus nos abençoe na busca da verdade, paz e força, eu oro humildemente em nome daquele que certamente virá num dia em que não sabemos, mas cuja vinda será tão certa quanto o nascimento do sol pela manhã

— em nome de Jesus Cristo.
Amém.

Idéias para os Mestres Famíliares

1. Conte uma experiência pessoal a respeito da importância de se obedecer aos princípios do evangelho. Peça aos membros da família que digam o que acham do papel da obediência em sua vida.
2. Existem no artigo passagens das escrituras ou outras citações que a família poderia ler em voz alta, ou algumas outras escrituras que você gostaria de ler para eles?
3. Aborde maneiras de os membros da família “amarem a beneficência” e “andarem em humildade” perante o Senhor.
4. A que mandamentos o Presidente Hinckley se refere, que nos ajudarão a termos confiança na presença de Deus? Debata com a família meios de incorporar melhor este mandamento em sua vida.
5. Seria melhor abordar o assunto depois de conversar primeiro com o chefe da família antes da visita?

Após muita oração e planejamento, apresentamos a nossa estaca, em setembro de 1980, um projeto de levantamento de fundos para a construção do novo centro de estaca. Sabíamos que, devido ao custo elevado do edifício projetado,

nosso povo precisaria de muita fé para conseguir levantar os milhares de dólares necessários. Enquanto considerávamos o problema, tive uma experiência incomum que jamais esqueerei.

Por volta de quatorze horas de um dia muito atarefado, mi-

AS ABÓBORAS DE PAUL

W. Paul Hyde



nha secretária informou-me que Paul Goodwin queria falar comigo. Verificando minha agenda, vi que não tinha nenhuma entrevista marcada com Paul Goodwin; além do mais, nem mesmo conhecia esse Paul Goodwin. Pensei em responder à secretária que, por estar muito ocupado e não ter entrevista marcada não poderia recebê-lo. Mas, por alguma razão senti-me induzido a conversar com o tal Paul Goodwin.

Agindo ainda premido pela pressa, abri a porta de meu escritório e dei de cara com um garotinho de quatro anos. Reconhecendo a mãe sentada na recepção, percebi imediatamente que se tratava do filho de David e Marilyn Goodwin, da Ala Four Corners de nossa estaca. O pequeno Paul continuava de pé na entrada, com as mãos nos bolsos, olhando-me com tamanha confiança, que percebi *ser* importante conversar com ele.

Convidei-o a entrar no escritório. Quando nos sentamos, mal conseguia ver seus grandes olhos por cima do tampo da escrivaninha.

— Muito bem, Irmão Goodwin, sobre o que gostaria de falar comigo? — indaguei.

Sem responder uma palavra, meteu a mão no bolso, tirou de lá uma nota de um dólar toda

amassada e depositou-a sobre a mesa. Depois, voltou a enfiar a mão no bolso, tirou uma moeda de vinte e cinco centavos, colocou-a sobre a mesa e repetiu a operação mais três vezes com outras moedas. Ao depositar a última moedinha, encarou-me, dizendo:

— Isto é para o novo prédio.

— Você quer dizer, para o novo centro de estaca? — perguntei. Ele fez que sim com a cabeça.

— Que maravilha! — exclamei. — Mas onde você arranjou esse dólar e sessenta e cinco centavos?

— Neste verão, plantei abóboras-morangas em minha horta, e como agora estão maduras, eu as colhi e botei no carrinho. Depois fui à casa de todos os vizinhos de nossa rua e vendi as abóboras, e aqui está o dinheiro. Quero dá-lo para o novo prédio.

Retendo as lágrimas com dificuldade, não resisti ao desejo de tomar o garotinho em meus braços para dizer-lhe como eram importantes o dólar e sessenta e cinco centavos, e como o Pai Celestial estava contente por ele ter vendido as abóboras a fim de levantar dinheiro para o novo centro de estaca.

Certifiquei-me de que haveria fé suficiente entre o povo para levantar a soma necessária.

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas como orientação e não como declarações oficiais de normas da Igreja.



Ellis T. Rasmussen, ex-deão de Instrução Religiosa, Universidade Brigham Young.

Pergunta: Quais eram as falsas ideologias, valores e práticas que tentaram Israel nos tempos do Velho Testamento?

Acho que não damos o devido apreço à dura missão dos antigos profetas de Israel, ajudando-a a recordar-se de seu convênio e chamado. Aos israelitas cabia ensinar a respeito de Deus e seus caminhos — e não serem ensinados pelos povos seguidores de ídolos. Entretanto, eles tinham dificuldade em resistir à pressão e sedutoras aberrações dos povos entre os quais viviam, e manterem-se fiéis ao seu Deus invisível, ainda que testemunhando muitas manifestações de sua benevolência e bondade.

Lembro-me de minha surpresa ao descobrir, visitando antigos templos e sepulturas pagãos, as “bênçãos” que os idólatras pediam repetidamente a seus deuses: imortalidade, reprodução da vida e fertilidade para seus rebanhos e propriedades agrícolas. Tais bênçãos eram solicitadas por meio de rituais carnavais e sensuais que agradavam aos apetites naturais dos israelitas, em contraposição aos códigos de conduta austeros, morais, de motivação espiritual exigidos pelo Deus de Israel para as mes-

mas bênçãos.

Os cananeus tinham deuses e deusas em abundância e que supostamente produziam a chuva, faziam os campos e rebanhos produzir, abençoavam o comércio e protegiam as cidades. Tinham-nos como controladores dos ciclos sazonais, da morte e do nascimento — de todas as funções da natureza. Daí concluírem que o homem poderia influenciar a natureza cultuando o deus ou deusa apropriado a cada necessidade. Naturalmente eram exigidos sacrifícios, até mesmo de crianças.

Anos de pesquisas arqueológicas e a tradução de antigos documentos mostraram aos estudiosos do assunto que existia extensa comunicação entre os povos antigos — um amplo intercâmbio de conceitos e práticas religiosas, e bastante conhecimento dos nomes e funções dos ídolos. Por isso não surpreende que muitos de Israel se tenham ocasionalmente voltado para uma ou outra das deidades locais.

Os ídolos mais comuns foram Baal e sua consorte Astarote. Esta, chamada de “rainha dos céus”, era a deusa da fertilidade mais amplamente cultuada entre os cananeus, babilônios, fenícios de Tiro e Sidon, sírios e outros. Sendo a dona de misterio-

sos poderes de reprodução, ela era cultuada por indulgência sexual ritualizada, muitas vezes extremamente tentadora para os israelitas.

Tamuz, o deus da vegetação, filho e às vezes marido de Astarote, controlava o ciclo anual das estações. O mito de Tamuz conta que, no outono, a deusa Astarote ia buscar seu marido do lugar dos mortos no submundo, para restituir-lhe a vida na primavera. Alguns livros proféticos da Bíblia nos falam de israelitas chorando por Tamuz durante um ritual no outono.

Bezerros e touros também serviam de objeto de adoração ou culto. Às vezes simbolizavam os deuses da fertilidade; outras, eram símbolos da reprodução. O ídolo Camós de Moabe achava-se instalado em certas épocas em Jerusalém, às vezes por razões políticas. Dagom, o deus dos filisteus de Gaza e Asdode, era deus da pesca ou então da agricultura, sendo mencionado diversas vezes na Bíblia.

Provavelmente o ídolo mais pavoroso surpreendentemente cultuado às vezes pelos filhos de Israel foi Moloque, cujo nome significa “O Rei”. Era a ele que se sacrificavam crianças pelo fogo, até mesmo por parte de alguns soberanos de Israel, que fizeram “seus filhos e suas filhas (pas-

sar) pelo fogo a Moloque”. Tais coisas, dizia Jeremias, o Senhor jamais requereu de Israel. (Ver Jeremias 32:35; também 7:31) Por que motivo Israel se voltaria do tão benevolente Jeová para esse terrível ídolo? Sem dúvida por urgentes motivos econômicos, sociais e políticos.

Ao sol e constelações de astros eram atribuídos poderes de produtividade e segurança. Nos países quentes e secos, a misteriosa, pálida e fria luz da lua era outro objeto de adoração; as fases da lua marcavam fases da vida e funções biológicas e agrícolas.

Os terafins, deuses domésticos frequentemente mencionados na Bíblia, parecem ter sido símbolos da propriedade da terra. Eles eram igualmente consultados para predizerem o futuro, e em horas de necessidade ou problemas.

Cultuavam-se ainda certas árvores, plantas e arbustos. A tamarga, principalmente, cujo nome hebreu ‘eshel é traduzido na Bíblia como “bosque” (Gênesis 21:33), era considerada uma planta sagrada capaz de produzir efeitos benéficos sobre outra vegetação. Árvores como o terebinto, o carvalho e a azinheira eram tidas como especialmente sagradas, provavelmente por darem sombra e abrigo e manifestarem o poder da longevidade.

Havia também deuses do destino, da fortuna, da tempestade, do deserto e de todas as funções e faculdades do homem e da natureza.

Os problemas decorrentes da passagem da escravidão para a liberdade, do nomadismo para a vida agrícola e sedentária, da vida rural para a urbana, e da condição nacional para a internacional provocaram uma crescente necessidade de auxílio e intervenção divina. Os profetas, porém, enfrentavam constantemente o problema de convencer o povo a confiar em Jeová, em lugar de recorrer a encantos de fertilidade, amuletos de boa sorte e ídolos com poderes místicos. Era difícil convencer o povo de que a devoção a Jeová e uma vida de retidão moral, social e espiritual eram o único caminho certo para a segurança e o sucesso.

PREZADO ASSINANTE:

Mudou-se ou vai mudar-se?

AVISE-NOS IMEDIATAMENTE A FIM DE NÃO FICAR SEM SUA REVISTA.

Basta recortar a etiqueta de endereçamento que acompanha seu exemplar de A Liahona e enviá-la ao endereço abaixo, com a anotação de seu novo endereço.

Mande a informação para Caixa Postal 26023 - 01000
São Paulo

S.P.

PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY

A Cinzelagem Espiritual de uma Alma Justa

por Elder Neal A. Maxwell
do Quorum dos Doze Apóstolos



Presidente Gordon B. Hinckley trabalhando em seu gabinete.



Presidente Hinckley formando-se na Universidade de Utah, 1932.

Na cinzelagem espiritual de uma alma justa, os traços e linhas de experiências precoces às vezes predizem o que se destacará em alto-relevo mais tarde. Os moldes primitivos são muitas vezes surpreendentemente claros, como na vida do Presidente Gordon B. Hinckley, conforme demonstram os exemplos a seguir, cada um de per si uma história de sucesso.

Durante um breve tempo, há muitos anos, o Presidente Hinckley foi professor de seminário. Atualmente, serve como encarregado do Comitê Executivo da Junta Combinada Educacional e da Universidade Brigham Young, função que exerce há diversos anos num período em que o programa de Seminário e Instituto se tem expandido extraordinariamente em todo o mundo. O Presidente Hinckley que, em 1971, foi distinguido como Ex-aluno Ilustre pela Universidade de Utah, e em 1979

recebeu o grau de Doutor Honorário em Humanidades da Universidade Brigham Young, possui amplo conhecimento no campo da educação.

Quando menino, seu primeiro trabalho remunerado foi de entregador do jornal *Deseret News*. Na idade adulta, tornou-se presidente da *Deseret News Publishing Company*, função que exerceu durante vários anos.

Sua experiência na obra missionária também começou de baixo para cima. Depois de terminar a missão de tempo integral nas Ilhas Britânicas, em 1935 foi escolhido pelo Presidente Heber J. Grant para servir como secretário no Comitê de Rádio, Publicidade e Literatura Missionária, precursor do atual Departamento de Comunicações Públicas.

Esta experiência ampliou-se quando o Presidente David O. McKay o designou diretor do pessoal do Departamen-



Tirada em 1961, esta foto mostra a junta de diretores do Deseret News, diário publicado pela Igreja na Cidade do Lago Salgado. A junta era dirigida pelo Élder Mark E. Petersen, no centro à esquerda, atrás da mesa. O Presidente Hinckley está sentado no canto inferior esquerdo.

to Missionário, função que exerceu durante sete anos, a partir de 1951, até ser chamado como autoridade geral. Mais tarde, como membro do Conselho dos Doze (o Comitê Missionário da Igreja), passou a supervisionar as operações mundiais desse mesmo programa.

Quando moço, o Presidente Hinckley certa vez teve de substituir “na hora” o Senador Reed Smoot, que estava ausente, fazendo um discurso que foi muito bem recebido. Atualmente, por sua natural eloquência, tem sido o representante indicado da Igreja nos programas de televisão em cadeia, tal como durante o Sesquicentenário da Igreja em 1980, bem como na televisão nacional.

Seu trabalho com os funcionários estaduais e federais convocados para o serviço militar durante a Guerra da Coreia sem dúvida ajudou a prepará-lo para presidir o Comitê de Assuntos Especiais que assessora a Primeira Presidência em questões de cunho governamental e político.

Seu serviço na Junta Geral da Escola Dominical (iniciado apenas dois anos depois de terminada sua missão) deixou-lhe uma constante preocupação com o bom ensino na Igreja, a fim de que os membros realmente aprendam o



O garoto descalço com seu cão é o Presidente Hinckley aos nove anos de idade

evangelho e assim experimentem uma duradoura conversão espiritual.

Seu grande afeto pelo Profeta Joseph Smith, adquirido ouvindo as experiências dele contadas no lar quando criança, reflete o amor que seu avô, Ira N. Hinckley, tinha ao Profeta, de quem ouvira falar em Nauvoo quando tinha apenas quinze anos.

Em meio a guerras e rumores de guerra, as muitas conversas do Presidente Hinckley com militares na Coreia, Vietnã e nos campos de batalha há muito silenciosos, tal como nas Fili-



O Presidente Hinckley conversando com militares SUD no Vietnã em 1967.



Durante três anos o Presidente Hinckley supervisionou a obra da Igreja em América do Sul. Aqui ele aparece com uma classe da escola da Igreja em Santiago, Chile.



Com sua esposa, Marjorie, à direita, numa festa de aniversário da família em Eden, Utah, em 1973.

pinas e em Okinawa, dotaram-no de profunda paixão pela paz, mas igualmente da capacidade de discernir o “fio de prata” que reluz na “tapeçaria da guerra”.

Com tal fé, ele viu crescer o delicado rebento da Igreja. Em sua primeira visita às Ilhas Filipinas em 1961, incluiu uma prece de rededicação. Havia então apenas um membro da Igreja em todas as Filipinas. Hoje são quarenta e um mil membros, treze estacas e quatro missões de tempo integral.

Sua designação anos atrás, para o Extremo Oriente como membro dos

Doze preparou-o para designações atuais como a recente visita à República Popular da China, acompanhando um grupo de artistas amadores da Universidade Brigham Young em excursão por esse país. Da mesma forma, uma antiga designação para supervisionar a América do Sul familiarizou-o com uma das áreas de maior crescimento na Igreja.

Ele é grato pelas numerosas influências moldadoras em sua vida, conforme declarou ao ser apoiado como autoridade geral em 1958, depois de haver servido como presidente da Estaca East

17 de junho de 1948: Preparando-se para "A Hora da Igreja no Domingo à Noite", uma série de vinte palestras radiofônicas a cargo do Presidente J. Reuben Clark Jr., à direita. O programa era anunciado pelo Elder Richard L. Evans, centro, e coordenado pelo Elder Gordon B. Hinckley, à esquerda.



Millcreek, na Cidade de Lago Salgado, Utah.

“Desde que o Presidente McKay falou comigo ontem à noite, venho pensando no caminho que me conduziu até aqui. Sei que não o trilhei sozinho e sou muito grato aos numerosos homens e mulheres — os grandes e bons homens presentes aqui hoje, e as... pessoas maravilhosas de cujos nomes não me lembro — que me ajudaram.” (Conference Report, abril de 1958, p. 123.)

Os membros da Igreja devem ser gratos por essa preparação do Presidente Gordon B. Hinckley. Ele ilustra não só sua própria história singular mas também um certo senso de história espiritual tão necessário hoje, ao ajudar a conduzir a Igreja para um futuro sem precedentes.

Sua mente se atém a princípios fixos, e as extraordinárias experiências de sua vida deram-lhe muitas oportunidades de aplicá-los.

Quando outros descrevem o Presidente Hinckley como pessoa de bom senso, bom humor, boa vontade e boa índole, o repetido adjetivo *bom* é a chave para grande parte do que ele é.

Sua esposa, Irmã Marjorie Hinckley, pessoa igualmente muito capaz, fala do quanto aprecia sua “integridade e lealdade”, dizendo: “Ele jamais hesi-



Durante muitos anos, o Elder Hinckley supervisionou o progresso da Igreja na Ásia. Nesta foto, está sendo cumprimentado por membros da Igreja em Pusan, Corêia, em setembro de 1979.

tou em fazer qualquer coisa necessária para meu conforto e o da família.” Às vezes, esse maior conforto é produto de seu próprio trabalho, pois frequentemente trabalha com as próprias mãos, cuidando do jardim ou conserutando coisas — conhecimentos adquiridos há muitos anos no meio-ambiente rural e que não esqueceu.

Seu marido, diz a Irmã Hinckley, “sempre expressou total confiança na esposa e filhos”, dando-lhes assim o incentivo necessário para irem além do que julgavam possível.

Antigo defensor da amizade com pessoas estranhas à Igreja, em 1972 o Elder Hinckley conversava com um grupo de ministros religiosos do Arizona, convidados a visitar a Cidade do Lago Salgado.



Há mais de trinta anos o Elder Hinckley participa do desenvolvimento e operação do programa missionário da Igreja. Aqui, em princípios da década de 70, ele discute o trabalho na Europa com um visitante na sede da Igreja.

É visível a preocupação presciente do Presidente Hinckley, externada anos atrás, com a importância da instituição da família, particularmente nestes tempos de desintegração social.

Outra fonte de inspiração para seus familiares, diz a Irmã Hinckley, são suas “belas e eloqüentes orações diárias”. Ela comenta seu eterno otimismo, sempre assegurando às pessoas preocupadas “que tudo dará certo. Seu amor à música, à literatura e à própria vida fez da convivência com ele uma grande aventura”, observa a Irmã Hinckley.

O Elder Howard W. Hunter, vizinho

do Presidente Hinckley no Quorum dos Doze por quase vinte anos, diz:

“Durante vinte anos nós nos sentamos lado a lado no círculo do Conselho dos Doze. Aprendi a apreciar sua sabedoria e bom senso. Ninguém ficou mais contente que eu quando ele foi apoiado conselheiro na Primeira Presidência, ainda que eu sinta falta de sua força ao meu lado. Homens da capacidade dele são raros e ele prestará uma grande contribuição à Igreja em seu novo chamado.”

Outro vizinho dele no Conselho dos Doze, o Elder Thomas S. Monson, descreve o Presidente Hinckley como



Na conferência geral de abril de 1958, o Elder Hinckley é apresentado no Tabernáculo de Salt Lake como novo assistente dos Doze, pelo Presidente David O. McKay.

“uma combinação singular de conhecimento aliado à compaixão. Sua mente apreende rapidamente os pormenores de qualquer assunto apresentado ao Conselho. Em sua resposta, todavia, a justiça é sempre temperada com misericórdia”. Ele é, diz o Élder Monson “um trabalhador incansável”, demonstrando constantemente “a crença de que se deve procurar em primeiro lugar o Reino de Deus e sua justiça”.

O Presidente Hinckley percebe a suma importância da preciosa realidade de que, em última análise, a Igreja se fundamenta no testemunho individual, devoção e serviço voluntários de seus membros. Num discurso de conferência geral ele disse, referindo-se ao teste-

munho: “Nossos detratores podem debater a teologia, mas não refutar o testemunho inculcado em meu e em vosso coração pelo poder do Espírito Santo”. (Conference Report, outubro de 1961, p. 116.)

Ele jamais perdeu o interesse e o apego ao chamado missionário mundial da Igreja, de origem divina, para alegremente compartilharmos a verdade do evangelho com toda a humanidade. Ao mesmo tempo, dá para perceber o alargamento e a profundidade de seus discursos sucessivos em duas décadas e meia de conferências gerais, tal como sua eloqüente preocupação com a “erosão moral” entre os habitantes da terra. O diálogo do Presidente Hinckley com um rapaz sul-americano que havia “renegado” a sociedade, demonstrou sua compaixão e entendimento ao conversarem sobre objetivos como “paz e liberdade”. Sua humilde reação à atitude condescendente do jovem para com a legítima moralidade foi expressa assim: “Eu o choquei um pouco ao declarar-lhe que a paz *dele* era uma fraude e que eu lhe explicaria por quê.” (Conference Report, outubro de 1970, p.63.)

O Presidente Hinckley, único líder desta dispensação que passou de funcionário da sede da Igreja para membro da Primeira Presidência, vem sendo continuamente treinado pelo Senhor numa seqüência impressionante de designações e chamados. E tudo começou quando um ansioso, humilde e recém-desobrigado missionário chegou à sede da Igreja por designação do Élder Joseph F. Merrill, um apóstolo da Igreja, para apresentar um relatório de quinze minutos à Primeira Presidência. Essa designação, que se estendeu por hora e meia, devido ao interesse da Primeira Presidência, em certo sentido nunca terminou. Mordomo fiel nas coisas pequenas, Gordon B. Hinckley agora permanece praticamente todos os dias na mesma sala à qual chegou tão ansioso pela primeira vez há tantos anos atrás!

A má colheita — causada
por um vulcão no lado
oposto do mundo —
foi mais do que a
família Smith podia
suportar.



DESCOBERTA

UM ANO SEM VERÃO

Peter K. Bellville

A erupção em 1980 do vulcão Santa Helena, nos Estados Unidos, há muitos anos inativo, despertou renovado interesse entre o público sobre vulcões em geral. Qualquer erupção vulcânica costuma ser bastante dramática, afetando a vida de muita gente e conseqüentemente despertando grande interesse. Mas quando um vulcão volta à inatividade, a curiosidade decresce, e a erupção é relegada aos anais históricos e quase esquecida.

Nos anais históricos há o registro de uma erupção vulcânica tida como a maior jamais registrada. Além disso, distingue-se pelo fato pouco conhecido de sua participação na história de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Trata-se da erupção do Monte Tambora, na Ilha Sumbawa, a leste de Java, em 1815.

A data do evento consta ter sido no dia 5 ou 7 de abril, dependendo da fonte informativa e do que se entende por erupção. Tomando como data o dia 7 e levando em conta os fusos horários, esse vulcão explodiu a 6 de abril de 1815, segundo o calendário norte-americano. Nessa erupção, o Tambora perdeu mil e duzentos metros do seu cume, criando-se uma cratera de uns vinte e quatro quilômetros de diâmetro. As estimativas da quantidade de material expelido variam grandemente, girando a mais aceita em torno de cento e cinqüenta mil metros cúbicos. A linha litorânea jun-

to à cidade de Tambora sofreu um rebaixamento de cinco metros e meio, e a explosão pôde ser percebida a mil e seiscentos quilômetros de distância. Os danos piores deram-se num raio de quatrocentos e oitenta quilômetros, onde reinou escuridão total durante mais de três dias, assemelhando-se às trevas registradas no capítulo oito de 3 Néfi, no Livro de Mórmon. O ar quente expelido pela montanha provocou vendavais vindos de todos os quadrantes, que carregaram consigo prédios inteiros e todas as formas de vida.

O papel exercido por essa erupção na história de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é que mais interessa aos santos. O Monte Tambora expeliu tamanha quantidade de matéria para a atmosfera, que chegou a interceptar os raios solares e diminuir a temperatura da terra em mais de um grau centígrado. Muitos acreditam que esse resfriamento fez 1816 ficar conhecido como o “ano sem verão”. Na região nordeste dos Estados Unidos caiu neve em junho e julho, e em agosto geadas prejudicaram as colheitas. Tendo sido precedida por vários anos de dificuldades, essa má colheita foi mais do que a família Smith podia suportar, levando-a, entre outros fatores, a abandonar o Estado de Vermont. Eles mudaram-se para Palmyra, Nova York, onde o jovem Joseph teria uma série de extraordinárias visões e receberia os originais do Livro de Mórmon.

REFLEXÕES SOBRE O DÍZIMO

Glenn Latham

Por ocasião do meu primeiro contato com os santos dos últimos dias, aos dezenove anos, eu estava preparado para deixar uma nota de um dólar na bandeja de coleta durante a abertura da Escola Dominical. Queria mostrar aos meus anfitriões que eu não era nenhum pão-duro. Afinal, ganhando trinta e cinco centavos por hora, um dólar era uma contribuição razoável. Porém, a Escola Dominical começou e terminou sem nenhuma bandeja de coleta.

E novamente na reunião sacramental do mesmo domingo, quando estava decidido a dobrar minha dádiva, não houve coleta. A explicação seria, pensei, que a contribuição era feita na saída. Eu estava preparado com a mão no bolso — mas fui obrigado a trocar a mão de bolso, pois todos queriam apertar minha mão. Fora do prédio, perguntei casualmente aos meus anfitriões:

— Quando é que vocês fazem a coleta?

A resposta veio com um sorriso: Em nossa igreja não fazemos coletas.

— Nunca? — perguntei.

— Nunca, — foi a resposta.

Formidável! pensei. *Esta é a igreja de que gosto.* Obviamente estava na hora de eu conhecer o dízimo.

Eu estivera orando bastante e fervorosamente a respeito de religião. Sentia-me tomado de um sentimento de constante desassossego — um sentimento que me impelia a procurar alívio espiritual. Na quarta-feira seguinte, à noite, os missionários me apresentaram a palestra sobre a lei do dízimo, e eu encontrei o alívio que vinha procurando. Jamais esquecerei a sensação de conforto que invadiu todo meu ser, quando os dois élderes me instruíram acerca do dízimo. Da primeira palavra ao último amém, eu sabia que era verdade. No domingo seguinte, paguei o primeiro dízimo, embora ainda faltassem seis meses para me batizar.

Durante trinta anos de Igreja, tenho observado uma série de equívocos com relação ao dízimo — mal-entendidos que se interpedem entre as pessoas e as

grandes bênçãos decorrentes da obediência a essa bela lei. Anali-sei quatro deles.

Primeiro equívoco: É Preciso Dinheiro para Pagar o Dízimo.

Para pagar o dízimo não se precisa de dinheiro e sim de fé.

No filme produzido pela Igreja, intitulado *As Janelas do Céu*, é ressaltada a realidade da fé como força propulsora do pagamento do dízimo. O filme mostra o grave dilema financeiro enfrentado pela Igreja durante a gestão do Presidente Lorenzo Snow. A Igreja estava afundada em dívidas e não havia nenhum indício de solução. Diversas propostas haviam sido apresentadas ao Presidente Snow, todas envolvendo alguma forma de contribuição por parte dos membros da Igreja. Sentindo que todas elas eram insatisfatórias, ele obedeceu aos influxos do Espírito e viajou para St. George, Utah, comunidade que sofria os efeitos da pior seca havida em trinta e cinco anos.

Por inspiração, o Presidente Snow implorou àquele povo desesperado que provasse sua fé, pagando o dízimo. E atendendo ao apelo, as janelas do céu se abriram literalmente, e o povo foi abençoado.

Segundo equívoco: O Dízimo É Medido pelo Valor Pago.

Um dízimo é um dízimo, não importa quanto a pessoa paga.

Certa vez recebi cinco centavos para a Igreja de uma pobre garotinha *navajo* que batizei em 1954. Depois de confirmada, ela se aproximou de mim com a moedinha apertada na mão fechada; a seguir, estendeu-me, dizendo:

— Aqui está o meu dízimo, élder. É o dízimo completo.

Aquela pequena índia *navajo* pagara dízimo igual ao do mais rico membro da Igreja — um dízimo integral.

Terceiro equívoco: Pagar o Dízimo Cria um Ônus Financeiro para o Dizimista.

Uma das mais caras lembranças de minha vida é uma experiência tida nos primeiros anos de meu casamento. Eu estava freqüentando a Universidade Brigham Young em Provo, Utah, e acabáramos de mudar para a primeira casa com nosso primeiro bebê.

Por causa do bebê minha mulher havia deixado de trabalhar e nós estávamos em sérias dificuldades financeiras. Um mês verificamos que se pagássemos o dízimo além das outras contas fixas, sobrariam exatamente cinquenta centavos de dólar. Mesmo assim, não levamos tempo para nos decidir, pois acreditávamos no que o Senhor dissera por intermédio do Profeta Malaquias. (Mal. 3:10-12.) E pagamos o dízimo.

Na segunda-feira seguinte eu

estava no centro admirando algumas molduras expostas numa loja. Um amigo nos presenteara com uma linda gravura para enfeitar a casa, mas obviamente não tínhamos dinheiro para comprar a moldura. Ao voltar-me para sair, entretanto, fui induzido a perguntar ao vendedor atrás do balcão se sabia de alguém que estivesse procurando um pintor. Como meu pai e meu avô haviam sido pintores de parede, eu aprendera o ofício. Achei que não havia muita oportunidade de arranjar trabalho, pois estávamos no inverno, além de reinar certa depressão econômica. Ainda assim, segui o impulso e falei com o vendedor, que me respondeu:

— Sabe de uma coisa, um de nossos fregueses esteve aqui hoje de manhã em busca de um bom pintor.

Deu-me o endereço da pessoa, eu fui procurá-la imediatamente e na mesma tarde estava ganhando dois dólares por hora como chefe de uma turma de pintores. Era um ótimo salário na época e desde aí jamais fiquei sem trabalho.

Não, o dízimo não empobrece a gente, e sim enriquece. Pagar o dízimo realmente abre as janelas do céu.

Quarto equívoco: O Dinheiro do Dízimo É Nosso.

Lembro-me de um caso contado pelo Presidente George Albert Smith. Conversando com

um amigo abastado, membro da igreja, este abordou a questão do dízimo. Contou que não pagava o dízimo da forma usual, mas todos os anos depositava no banco um décimo dos seus ganhos para usá-lo para fins caritativos.

— O que acha disso? — perguntou, ao que o Presidente Smith respondeu:

— Acho que é muito generoso com dinheiro alheio. (*Improvement Era*, junho de 1947, p. 357.)

O Presidente Romney igualmente nos lembra que o dízimo é uma obrigação que devemos ao Senhor e não uma contribuição:

“O dízimo é um débito que todos têm perante o Senhor, por usarem as coisas que ele fez e que foram colocadas sob sua mordomia. O Senhor, a quem devemos o dízimo, encontra-se na posição de credor preferencial. Se não temos dinheiro suficiente para saldar as dívidas para com todos os credores, ele é o primeiro que deve receber. Esta declaração pode ser um tanto chocante para algumas pessoas, porém é verdadeira. Todavia, os demais credores não precisam preocupar-se, pois o Senhor sempre abençoa aquele que tem fé suficiente para pagar o dízimo, de modo que seja capaz de saldar os outros compromissos.” (*A Liahona*, “A Questão do Dízimo”, fevereiro de 1981, pp.2-3.)

O BOLO DE CHOCOLATE

Esther Moore Brown

Numa das conferências gerais em que alguns oradores falaram a respeito do crescimento da Igreja, senti-me envolvida pelo entusiasmo acerca de mais templos, centros de visitantes, maior número de missionários partindo para o campo todos os meses e a expansão contínua do programa “Cada membro um missionário”... Então uma vizinha indagou lá dentro de mim: “E seus vizinhos?”

Na mesma hora, outra voz respondeu: “Os *meus* vizinhos não têm jeito.”

Era sinceramente o que eu sentia — particularmente na mesma noite em que peguei os três garotos de doze, dez e oito anos fazendo traquinagens em nosso quintal. Aquilo me deixou zangada mesmo.

Uma semana depois de a família Miller (eu troquei o nome) mudar-se para a casa ao lado da nossa, Bonnie, minha pequena de seis anos, entrou em casa chorando com um galo na testa.

— O Jerry me acertou uma pedra.

Kathy, minha garota de dez anos, estava indignada:

— Mamãe, o Jerry Miller atirou uma pedra na Bonnie, só porque ela pegou o gato deles. Quando ela começou a chorar, apareceu a mãe dele, e Jerry disse que nós o estávamos xingando. Ela mandou que ficássemos em nosso quintal e não amolásemos mais seus filhos.

— E nós não dissemos nenhum nome feio, mamãe — acrescentou séria a pequena Cynthia.

Meus cinco filhos de vez em quando tinham divergências com crianças da vizinhança, mas nós mães simplesmente as separávamos até as coisas se acalmassem; uma hora depois, geralmente já estavam brincando juntas de novo. A Sra. Miller, entretanto, sempre defendia os filhos, não importava o que tivessem feito.

Depois daquele incidente, quando peguei os garotos em nosso quintal, escoltei-os até em casa e falei zangada:

— Se mais alguém jogar pedras em nosso quintal, se minhas pequenas forem maltratadas ou ameaçadas ou se algum de vocês espiar em minhas janelas, eu chamo a polícia. E se a senhora cuidasse de *seus* filhos, em lugar de controlar os dos alheios, talvez voltasse a reinar a paz nesta vizinhança!

Voltei para casa tremendo.

Mas no dia seguinte, quando a raiva desapareceu, percebi que tinha agido mal. *Justamente eles é que precisavam do exemplo de um bom vizinho SUD*, pensei. *E eu não poderia ter dado um exemplo pior. Nunca mais quero mostrar tamanha raiva.*

Orei em voz alta: — O que devo fazer, Pai Celestial? O que seu Filho faria?

E a resposta veio clara: — Demonstre muito amor.

Pensando a respeito, o desafio me entusiasmou e fui diretamente para a cozinha. Enquanto batia e assava um bolo de chocolate, as crianças e eu conversamos sobre os Miller e como os havíamos tratado nem melhor nem pior que eles a nós. Discutimos o exemplo do Salvador a respeito de fazer o bem aos outros.

Quando o bolo ficou pronto, eu o levei para os vizinhos. A Sra. Miller não estava em casa, mas entreguei-o ao garoto maior, dizendo:

— Assei o bolo especialmente para vocês.

O rosto dele mostrou espanto e prazer.

— Sinto ter ficado zangada com vocês, mas sabem quem mais se aborreceu? Sua mãe. Ela ama vocês muito mesmo, e fica triste quando vocês fazem coisas que não devem. Vamo-nos esforçar mais para nos entendermos melhor e sermos bons vizinhos?

— Está certo, — murmurou

Tom, embaraçado.

Quando ia saindo, os três falaram ao mesmo tempo:

— Muito obrigado pelo bolo, Sra. Brown.

Os resultados desse gesto foram inacreditáveis no mês seguinte. Ninguém mais atirou pedras. Minhas duas pequenas nunca mais chegaram chorando com as ameaças dos garotos. E os três gritavam alegremente “Olá, Sra. Brown”, sempre que me viam.

Eu, porém, continuo profundamente envergonhada de ter perdido as estribeiras. Não encontrei mais a Sra. Miller e não fui procurá-la — nem mesmo quando Cynthia e Bonnie me contaram:

— A Bonnie não quis que o Jerry brincasse com seu carrinho de corrida, porque ele ficava tirando as rodas, e quando o Jerry se pôs a chorar, a mãe dele apareceu. Mas ela não ficou zangada com a Bonnie. Em vez disso, disse ao Jerry: “Se a Bonnie estivesse quebrando o *seu* carro, você também não a deixaria brincar com ele.” Depois, mandou-o entrar e pensar um pouco sobre o caso.

Eu continuo achando que devia ter procurado a Sra. Miller para demonstrar-lhe meu amor. Eles se mudaram um mês mais tarde e desconheço para onde foram. Mas sei que nunca hei de esquecer a lição do bolo de chocolate.

Em nossa cidadezinha, a corrida de esqui era o maior acontecimento do ano.

A vila em que passei minha infância pertence hoje à Rússia, anexada por ela junto com toda a Carélia, depois da guerra de 1939-40. Mas, quando eu era jovem, aquela terra de lagos, brejos, rios, montes e clima frio fazia parte da Finlândia. E isto significa que era uma terra de corridas de esqui.

Todo mês de fevereiro, passada a

pior parte do inverno, o pessoal da cidade saía da hibernação e se reunia num grande areeiro, nos limites da vila. Era ali a linha de chegada da corrida de esqui de longa distância, e por muito boas razões. Em primeiro lugar, a areia retirada da encosta da montanha formara um cavado suficiente não só para a linha de chegada, mas também para uma barraca de comes e bebes. No dia da competição, o ar recendia pungentemente a salsichas e tortas

TAPPI-EISKA Lea Mahoney

Ilustrado por Dilleen Marsh



de carne. E os lados do areeiro cobertos de neve formavam um excelente anfiteatro natural. Postados nas encostas e borda, os espectadores podiam ver perfeitamente a parte final da pista, e assim a cidade inteira sabia quem era o vencedor na hora que cruzasse a linha de chegada.

A competição exigia muitos preparativos. Os encarregados atavam faixas azuis no braço de algumas crianças maiores, a fim de agirem como recepcionistas dos espectadores e manterem as pistas desobstruídas. Havia pistas demarcadas para as diversas provas — percursos menores para as crianças pequenas, e um pouco mais longos para as maiores; pistas separadas para rapazes e moças, e para homens e mulheres; havia até uma pista para os “vovôs” que sempre se saíam muito bem em sua prova especial. Cada grupo seguia sua pista claramente demarcada com tiras de papel colorido. Contudo, a prova principal era a corrida de 30 km para homens — o vencedor tornava-se o herói da vila daquele ano, o homem que dera provas de sua fibra.

Não eram raros os fazendeiros, sapateiros ou lojistas que sonhavam em ultrapassar todos os competidores até a vitória.

Nós, crianças, porém, tínhamos nosso próprio herói, a quem chamávamos de Tappi-Eiska. Era o homem adulto mais baixo que conheci, um quase-anão. Era também a pessoa mais simpática e divertida fora de nosso círculo familiar. Talvez sua baixa estatura facilitasse seu relacionamento com as crianças,

pois não precisávamos olhar para cima. Quem sabe percebêssemos as dificuldades que enfrentava por causa de seu tamanho. “Eiska” era provavelmente uma corruptela de Einari, talvez seu verdadeiro prenome. Em finlandês, “tappi” quer dizer “toco” ou “tampinha”, e pode ser que no princípio fosse uma alcunha insultuosa. Nós crianças não ligávamos para isso. Ele era nosso candidato a melhor esquiador do ano.

O problema era Tappi-Eiska não ser bom nos esquis. No primeiro ano em que competiu com os homens foi um fiasco. Os homens percorriam três vezes um circuito de dez quilômetros, e quando o vencedor cruzou a linha de chegada, Tappi-Eiska estava terminando sua primeira volta. Quando Tappi chegou ao fim, os outros competidores já estavam na casa de banhos ou a caminho de casa. Somente algumas crianças desapontadas esperavam seu amigo exausto na linha de chegada.

No resto do inverno e no seguinte, Tappi-Eiska treinou cada minuto livre naquela trilha. Durante o verão, nadava e remava um pesado barco pelo Rio Vuoksi. Não aumentou de tamanho, mas ficou bem musculoso. As crianças estavam entusiasmadas, certas de que todos aqueles músculos e exercícios fariam dele o vencedor. Achávamos que devia ganhar por ser tão bonzinho. Nos filmes era sempre assim.

Mas Tappi-Eiska não venceu naquele ano, também. Dessa vez, ele cruzou a linha de chegada com o último grupo de competidores. Pelo

menos não chegou horas mais tarde, e havia mais gente além de nós vendo-o terminar a corrida. Chegamos à conclusão de que suas pernas eram simplesmente curtas demais para competir com os outros homens. Talvez agora desistisse.

Mas durante o ano seguinte Tappi-Eiska nos mostrou o que quer dizer a palavra *sisu* para os finlandeses — o equivalente aproximado de coragem, determinação, brio. E era exatamente isso que ele tinha. Continuou treinando, treinando, treinando. Quando chegou a data da competição, nós sabíamos que ele iria ganhar. É verdade que havíamos pensado o mesmo nos anos anteriores, mas dessa vez era diferente.

Os competidores iam levantando verdadeiros penachos de neve, quando partiram para a floresta. Saíram da mata, entraram nela novamente. Quando sabíamos que logo daria para vê-los, alguns de nós saímos do ponto de chegada sobre esquis, ao encontro do vencedor, certos de que seria o nosso herói, Tappi-Eiska.

Ficamos esperando no frio intenso. As árvores estavam cobertas de geada. A fumaça das poucas chaminés visíveis subia verticalmente qual fitas esvoaçantes. Nossas faces ardiam. Mas aí, de repente, já não sentíamos mais o frio! Emergindo dentre as árvores, lá vinha o menor homem da cidade, agora o maior — Tappi-Eiska! Na frente de todo o mundo! Até mesmo os adultos se levantaram para saudá-lo.

Ele chegou à montanha. Suas pernas moviam-se tão ligeiras, que

mal dava para focalizá-las. Então surgiu atrás dele outro competidor, um verdadeiro gigante! Tenho certeza de que intimamente muitos de nós desejamos que o grandalhão caísse ou partisse um esqui, qualquer coisa que o impedisse de ultrapassar Tappi. Mas, ao se aproximarem da borda do anfiteatro, o grandalhão passou à frente e cruzou a linha de chegada.

Nos anos seguintes, senti muitas vezes pena do vencedor. Quase ninguém o festejava. Mas, quando Tappi-Eiska cruzou a linha final, o mundo quase veio abaixo. Seguimo-lo com nossos esquis pela pista e não havia ninguém que conseguiria impedir-nos. Rodeamos Tappi-Eiska, depois o jogamos para cima, com esquis e tudo. Muita gente da aldeia que sabia dos esforços de Tappi, juntou-se a nós. Alguns choravam abertamente. Esquecemo-nos completamente de que chegara em segundo e não em primeiro lugar. Aquele tampinha de homem nos havia mostrado o valor da perseverança, tornando-se o herói de minha meninice.

Isto foi em 1938. No ano seguinte, começou a II Guerra Mundial e acabou com muita coisa. Não houve mais corridas de esqui. Nunca cheguei a ter oportunidade de usar uma fita azul no braço. E Tappi-Eiska jamais teve outra ocasião de provar que conseguiria cruzar a linha de chegada em primeiro lugar. Mas para mim e para os outros, ele não precisava provar coisa alguma. Já dera provas de ser um autêntico vencedor em todos os sentidos da palavra.

Poucos acontecimentos são mais emocionantes que as cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos. Num gigantesco estádio, milhares de espectadores aplaudem os atletas que desfilam em torno do campo, enquanto mais de uma centena de bandeiras drapejam no alto. O espetáculo colorido deslumbra o olhar. Centenas de pombos são soltos simbolizando a paz. Troam os canhões. Então chega um corredor, empunhando uma tocha acesa pelos raios solares em Olímpia, Grécia, e põe fogo na grande tocha olímpica.

Todo competidor sonha com uma medalha de ouro. Aqueles que conseguem notarão três palavras latinas nela gravadas: *Citius, Altius, Fortius*. (Em português: *Mais Rápido, Mais Alto, Mais Forte*.) E assim tem sido desde que começaram os Jogos Olímpicos. Os recordes quebrados e feitos conseguidos podem ser resumidos nessas três palavras — palavras que traduzem o eterno anseio de progresso do homem — *Citius, Altius, Fortius*.

Até que ponto estamos vivendo esse lema é demonstrado pelos recordes olímpicos e de outros acontecimentos esportivos mundiais. Na década de 1920, Johnny Weissmuller era considerado o maior nadador do mundo. Antes das Olimpíadas, ele estabeleceu recordes mundiais em 67 diferentes competições. Nas Olimpíadas de 1924 e 1928, ganhou cinco medalhas de ouro, em cada. Hoje, seus recordes mundiais estão sendo quebrados por meninas adolescentes.

Durante anos, tinha-se como certo que ninguém conseguiria correr mil e seiscentos metros em menos de quatro

minutos. Seguidamente atletas empenharam-se a fundo para melhorar esse tempo, até que a 6 de maio de 1954, Roger Bannister, estudante de medicina inglês, assombrou o mundo com a marca de 3:59,4 para essa distância.

Desde aí, dezenas de atletas derrubaram a velha crença da capacidade limitada do homem. Entre eles um adolescente, Jim Ryun, que fez o tempo de 3:59 e no entanto terminou em oitavo lugar, num grupo de competidores mais experientes. Hoje, Ryun corre a distância quase vinte vezes em menos de quatro minutos, e o novo recorde mundial, conquistado por Steve Ovett, da Grã-Bretanha, é o tempo inacreditável de 3:48,8!

A distância máxima para o lançamento de peso era tida como 18,2 m.

MAIS RÁPIDO, MAIS ALTO, MAIS FORTE

**Decidi Não Ser um Homem Comum.
É meu Direito Ser Incomum, Se Puder.**

Robert L. Backman

Parry O'Brien derrubou esse mito nas Olimpíadas de 1956, e atualmente o recorde mundial é de 22,471 m. Na primeira Olimpíada moderna, realizada na Grécia em 1896, o ganhador da medalha de ouro lançou o disco a 29,09 m; hoje o recorde mundial é de 70,852 m.

Quando eu era moço, Bob Richards fez a incrível marca de 4,5 m no salto com vara. Nas Olimpíadas de Moscou, no ano passado, seis atletas quebraram o recorde olímpico de 5,49 m, antes do polonês Wlydslaw Kozakiewicz saltar 5,692 m, primeiro recorde mundial em sessenta anos nesta modalidade durante os jogos olímpicos — e em sua segunda tentativa de saltar 5,73 m, Kozakiewicz teria conseguido fazer 5,7 m!

O desempenho desses atletas trans-

forma em realidade o lema *Citius, Altius, Fortius*. No entanto, o que faz um campeão? O que produz o homem postado no degrau mais alto do pedestal da vitória, depois de correr mais rápido, saltar mais alto ou demonstrar mais força do que todos os que se exibiram antes? Creio que as mesmas qualidades que fazem os campeões atléticos forjam igualmente campeões em qualquer outro campo da vida.

DESEJO

Na verdade, não existe sucesso sem esforço! Depois de quebrar a barreira dos quatro minutos, Roger Bannister definiu o desejo como a “capacidade de dar mais do que se tem”. Durante a corrida em que quebrou o recorde, ele ordenou a si próprio: “Roger, você vai correr nem que seja de joelhos.” Bob



1954 — Roger Bannister, correndo em Oxford, Inglaterra, foi o primeiro a quebrar a barreira dos quatro minutos para a milha (1,6 km)

Zuppke, um excelente treinador da Universidade de Illinois, acredita que sempre temos um pouco mais para dar. “Se depois de correr tão longe, tão depressa e até a extrema exaustão, você desse de frente com um leão, conseguiria correr um pouco mais, não conseguiria?” pergunta ele.

Os atletas treinam apesar de sentir dor, porque sabem que na corrida vai ser assim e terão de continuar apesar do sofrimento. Por estranho que pareça, tais atletas lhe dirão que é a dor que nos dá forças. Expandir os pulmões, forçar os músculos provoca dor. Mas quando se agüenta a dor, na vez seguinte tem-se mais capacidade e mais força. O mesmo acontece na vida.

George T. Johannesen Sr., da Ala Kalamazzo, Estaca Lansing Michigan, conta o caso de um seu colega de escola, Pete Cavallo, cujo maior desejo era tornar-se um bom atleta, apesar de seus 1,50 m de altura e quarenta e cinco quilos de peso. Cavallo decidiu tentar as corridas de longa distância.

No primeiro ano, Pete terminou a prova, porém muito depois de o estádio estar vazio. No ano seguinte, saiu-se um pouco melhor, e no terceiro já melhorou a ponto de encontrar o estádio ainda parcialmente lotado. No quarto ano, o pessoal dizia: “Como a gente gostaria de que as pernas do Cavallo ganhassem este ano!” Mas ninguém realmente acreditava na possibilidade. Ainda assim, havia no ar certa expectativa. Todos vigiavam a colina junto ao estádio, esperando ver Cavallo à frente dos demais corredores na última arremetida. Então apareceu um competidor alto, de pernas compridas,

e ouviram-se suspiros de desapontamento. Seus fãs começaram a abandonar o estádio.

De repente, o pequeno Pete despontou no alto da colina. O estádio transformou-se num pandemônio; todos berrando: — Vamos, Pete! Corra, Cavallinho!

O vencedor foi esquecido como se Pete houvesse chegado primeiro. E talvez, em certo sentido foi mesmo, pois até hoje o pessoal se lembra de seu ingente esforço.

EMPENHO INDIVIDUAL

O mais destacado exemplo de empenho individual que conheço é ilustrado pela carreira universitária de Jim Thorpe. Sendo descendente de lamanitas, freqüentava a escola Índia Carlisle, onde conseguiu um desempenho jamais alcançado. Jogava com destaque na equipe de futebol americano, e era tão rápido, que por troça informava ao time adversário para que lado iria. Quando era a vez do seu time chutar a bola, ele conseguia colocá-la sessenta e quatro metros à frente.

Um ano, a pequena escola indígena conseguiu derrotar a poderosa Universidade Harvard, com Thorpe chutando e correndo e fazendo os pontos que lhes asseguraram a vitória. Noutro jogo, contra a Academia do Exército, ele pegou a bola e correu com ela oitenta e dois metros para marcar o ponto, que entretanto foi anulado por falta. Thorpe apanhou a seguinte e marcou o ponto depois de correr com a bola quase oitenta e sete metros.

Numa competição atlética, a Escola Carlisle devia enfrentar a forte e inven-

cível Faculdade Lafayette, da Pensilvânia. Jim Thorpe apresentou-se acompanhado de um colega. Como a Faculdade Lafayette tinha uma equipe de 48 atletas, um dos organizadores do torneio comentou: — Quer dizer que vocês dois são toda a equipe da Escola Carlisle?

— Não, — respondeu Thorpe. — Sou só eu. Meu companheiro é o diretor de esportes.

Naquele dia, Thorpe venceu o salto em altura, salto de distância, lançamento de peso, lançamento de disco, as corridas de 109m com barreiras, 200m com barreiras, terminando em terceiro lugar na corrida de 100 jardas rasas. A

Escola Carlisle venceu o encontro com 71 pontos a 41.

Harold Connolly havia fraturado o braço esquerdo várias vezes, o qual acabou ficando um terço mais curto que o direito. Para exercitar-se e fortalecer o braço mais fraco, ele começou a devolver o martelo aos lançadores habituais da Faculdade de Boston. Em pouco tempo, ele o estava devolvendo mais longe do que havia sido lançado; então passou a competir. Mais tarde, quebrou o recorde mundial e ganhou uma medalha de ouro. Ele se tornou mais forte em seu ponto mais fraco.

“Nem todo mundo pode ser campeão — nem todos podem ser atletas”,

1912 — Jim Thorpe, vencedor do pentatlo e do decatlo na V Olimpíada em Estocolmo, na Suécia.



diz o boxeador Joe Frazier. “Mas qualquer um pode empenhar-se ao máximo para fazer algo de si.”

FÉ EM SI PRÓPRIO

Os recordes mundiais são muitas vezes conseguidos antes da prova.

“Alguém vai quebrar o recorde mundial nos 200 m de costas”, predisse Jed Graef, nadador norte-americano nas Olimpíadas de 1964. Quem seria? “Eu!”, afirmou Graef, e conseguiu mesmo.

Nos jogos extra-oficiais de Atenas, Grécia, em 1906, o levantador de peso austríaco Josef Steinbach foi apupado pelos espectadores por ser, alegadamente, um profissional. Frustrado, abandonou o estádio, permitindo sair vencedor o segundo colocado, um grego. Quando a bandeira foi hasteada, a

multidão aplaudiu. Steinbach voltou ao estádio, apanhou o peso levantado pelo vencedor e, com muito esforço, ergueu-o três vezes acima da cabeça.

Em 1952, o extraordinário Emil Zatopek, da Checoslováquia, venceu as corridas de 10.000m e 5.000m. Para celebrar a vitória, decidiu participar da maratona, sem nunca antes haver participado da prova de quase quarenta e dois quilômetros.

“Acha realmente que conseguirá vencer?” perguntou-lhe um repórter.

“Se não achasse, não participaria da prova”, replicou Zatopek.

Na altura do 24.º quilômetro, Zatopek corria lado a lado com Jim Peters, da Grã-Bretanha, considerado o favorito.

“Não acha que deveríamos correr

1971 — Joe Frazier derrota Muhammad Ali, por voto unânime, numa luta de quinze assaltos realizada em Nova Iorque.



um pouco mais ligeiro?” perguntou Zatopek e depois o ultrapassou. Ele estava sorrindo quando cruzou a linha de chegada.

O jogador de futebol americano Floyd Little, da equipe profissional Colorado de Denver, resumiu assim a autoconfiança: “Decidi não ser um homem comum. É meu direito ser incommum, se puder.”

HONESTIDADE

Nos antigos jogos gregos, qualquer participante que quebrasse as regras ou tentasse subornar um juiz, era obrigado a pagar uma multa, além de fazer uma estátua de si mesmo, com seu nome inscrito e a falta cometida. Essas estátuas eram denominadas *zanes*. Talvez o aspecto mais surpreendente dos jogos antigos é que no decurso de um milênio só foram erguidos 13 *zanes*. Contudo, existem outras maneiras de ser honesto nos esportes além de não trapacear.

Nos torneios de golfe, é regra que o jogador deve ser desqualificado, se assinar um cartão marcador incorreto ou entregá-lo sem estar assinado. Isso aconteceu certa vez ao famoso golfista Gary Player, que assim se viu eliminado de um importante torneio. Perguntaram-lhe se alguém na barraca de marcação não poderia tê-lo lembrado de assinar o cartão.

“Meu amigo,” replicou Player, “existem certas responsabilidades na vida. Não se pode descarregar as próprias responsabilidades nas costas de outra pessoa. A responsabilidade era minha. Eu falhei, portanto devo sofrer as conseqüências.”

Nas Olimpíadas de 1936, em Berlim, Hitler declarou a superioridade da raça

ariana. Os Estados Unidos tinham em sua equipe dez atletas negros que, para grande desapontamento de Hitler, ganharam mais pontos que qualquer outra equipe nacional. Entre eles destacou-se Jesse Owens. Na abertura dos jogos, Hitler recusou-se a cumprimentar Owens, maltratando deliberadamente os atletas negros. Owens deu de ombros dizendo: “Afinal, não vim aqui para apertar a mão de Hitler.” Owens empenhou-se a fundo e conquistou quatro medalhas de ouro. Quando quebrou o recorde mundial do salto em distância, o primeiro a cumprimentá-lo não foi um companheiro de equipe, mas um exuberante competidor germânico, Luz Long.

“Nunca vi coisa igual. Você é o maior de todos!” exclamou Long. Quando Owens apertou a mão de Long entre as suas, a multidão aplaudiu delirantemente. A seguir os dois competidores caminharam pela pista abraçados. A multidão — apesar da presença de Hitler — ficou gritando de alegria durante vários minutos.

Em 1932, Lauri Lehtinen, da Finlândia, era o favorito na corrida de 5.000m. No final da prova, um norte-americano chamado Hill passou a ameaçar Lehtinen, fazendo os espectadores se porem de pé. Quando Hill ia ultrapassá-lo, Lehtinen cortou-lhe a frente. Hill então tentou passá-lo pelo outro lado, sendo novamente bloqueado e forçado a diminuir a marcha. Hill quase ainda conseguiu ultrapassá-lo na linha de chegada.

Os espectadores mostraram seu desapontamento com vaías tão ruidosas e prolongadas, que os organizadores levaram mais de uma hora até anunciar o

vencedor. Mas, como bloquear a passagem não era ilegal, o finlandês foi declarado vencedor. Quando Lehtinen subiu ao degrau superior do estrado de vencedores, irrompeu uma vaia geral. Lehtinen então removeu da própria cabeça a coroa de louros e a colocou na cabeça de Hill.

DISCIPLINA

“Removam de sua vida qualquer coisa que os impeça de dar o máximo de si,” dizia Dean Cromwell, treinador de atletas olímpicos.

Bill Bradley, destacado atleta da Universidade Princeton, Nova Jersey, e ex-jogador profissional de basquete, hoje senador norte-americano, diz: “A gente simplesmente precisa de autodisciplina, uma autodisciplina que nos faz praticar o lançamento da bola de um mesmo ponto até conseguir encestá-la vinte e cinco vezes seguidas, uma autodisciplina que nos faz pular da cama nos domingos para ir à igreja, em vez de continuar dormindo.”

Wade Bell, especialista mórmon na corrida de 800m que participou das Olimpíadas, diz: “A pista é um campo de provas; um lugar onde minha mente consegue que meu corpo faça o que ele não pode; onde posso dizer que hoje corri dez vezes 400m em sessenta segundos cada; que as últimas quatro corridas foram duras, que pensei em perder minhas pernas, mas a minha mente me manteve correndo.”

Bem poucos estão dispostos a pagar o preço da grandeza — em qualquer campo.

ESPERAR INSUCESSOS

Depois de conquistar uma medalha de prata nas Olimpíadas de 1960, na corrida de 400m com barreiras, Cliff

Sushman falhou nas eliminatórias para as Olimpíadas de 1964, perdendo a oportunidade de ir a Tóquio. Diversos fãs de sua cidade natal escreveram-lhe, externando sua simpatia. Sua resposta:

“Não tenham pena de mim. Eu sinto pena de alguns de vocês.

“Numa fração de segundo, foram simples e irrevogavelmente apagados todos os anos de treinos, dor, suor, bo-lhas e agonia de correr. Mas eu tentei. Prefiro cair, sabendo que me empenhei honestamente a nunca haver tentado... Cada um de vocês é capaz de ingressar em seu próprio time olímpico, seja ele um time de futebol de colégio, um grupo coral, distinção escolar ou qual for seu papel. A menos que seu desempenho exceda sua força, como podem saber até onde conseguirão chegar?

“...Logicamente que fiquei desapontado ao cair de cara. Entretanto, agora não me resta outra coisa do que levantar, lamber minhas feridas e dar o primeiro passo, seguido de outro e mais outro, até que estes se transformem em quilômetros, e os quilômetros em sucesso.

“Bem sei que talvez nunca chegue a atingir minha meta. As oportunidades são contra mim, mas tenho algo a meu favor — desejo e fé.

“Alguns de vocês jamais conheceram a satisfação de dar o máximo nalgum esporte, a alegria de destacar-se na classe, a maravilhosa sensação de olhar uma tarefa terminada, sabendo que deu o melhor de si.

“...Existe bastante espaço no topo, mas nenhum lugar para se ficar sentado...”

REAGIR

Karoly Takacs, um húngaro, era re-

conhecidamente o melhor atirador de pistola do mundo. Seu maior desejo era vencer nas Olimpíadas. Um dia, porém, sofreu um acidente de carro, e os médicos tiveram que amputar-lhe o braço direito — o braço com que atirava.

Sua recuperação foi lenta. Não era uma questão física, mas emocional. Estava profundamente desesperado. Muita gente queria ajudar, mas não sabia praticamente como. Takacs começou a evitar os amigos; até mesmo a família não sabia onde passava seu tempo. Karoly Takacs, entretanto, se estava preparando. A sós, treinava o braço e olho esquerdo, um treinamento muito mais de domínio intelectual do que se possa imaginar. Nas Olimpíadas seguintes Takacs estava pronto.

Terminada a prova de pistola, Karoly Takacs, o húngaro de um braço só, encontrava-se no alto da plataforma, engolfado por aplausos e uma medalha de ouro pendente do pescoço.

Takacs mostrou-nos algo além da sua perícia em atirar. Provou que o ser humano dispõe de uma imensa capacidade de recuperação. Ele descobriu sozinho o fato emocionante de que chegar ao mais profundo desespero não significa estar derrotado, mas sim que chegamos ao fim da queda. Conforme me disse um amigo: “O fundo pode servir de trampolim para subir.”

COLABORAÇÃO

“Não se pode bater palmas com uma só mão”, diz um provérbio chinês. Duas pessoas trabalhando cooperativamente, conseguem mais que muitas trabalhando em separado. A união faz a força.

Numa competição atlética realizada na Universidade Brigham Young, em 1967, quatro rapazes da Universidade da Califórnia do Sul baixaram o recorde mundial na corrida de revezamento de 400m em um segundo. O tempo de 38,6 segundos para os 400m assume importância extraordinária, quando comparado com os 9,1 segundos, melhor marca das 100 jardas rasas. Todos os componentes da equipe da Universidade da Califórnia do Sul fizeram o tempo de 8,7 segundos para as cem jardas!

A ação conjunta de indivíduos trabalhando cooperativamente consegue melhorar o desempenho. A vida é uma aventura cooperativa; requer líderes e seguidores; requer compromisso recíproco para funcionar; requer caridade abnegada para com nosso semelhante.

FÉ EM DEUS

O autêntico campeão, depois de dar tudo de si, recorre à ajuda de Deus.

Cathy Ferguson, de 17 anos, lutava na prova de nado de costas, quinze centímetros atrás da primeira colocada. Mal conseguia sentir as pernas e os braços, mas continuou lutando — oito metros, sete, seis, cinco. Ficou firme, tentando sempre, sem esmorecer até conseguir a primeira colocação. Naquele momento de glória, mal conseguindo controlar as lágrimas, declarou: “Simplesmente fiquei orando: ‘Por favor, Deus, ajuda-me a continuar lutando.’”

Fred Hansen, nervoso e preocupado por estar-se saindo mal no salto com vara, parou no intervalo da competição, para ler uma carta do pai, lembrando-lhe que “os que esperam no

Senhor renovarão suas forças, subirão com asas como águias; correrão e não se cansarão; caminharão e não se fatigarão”. (Isaiás 40:31.) No salto a seguir, Fred ultrapassou o travessão, estabelecendo novo recorde olímpico.

Gil Dodds, corredor norte-americano, numa importante prova chegou àquele momento de exaustão, dor e agonia em que as pernas parecem de chumbo. Combatendo o desejo de desistir, orou fervorosamente: “Senhor, levanta minhas pernas, que eu me incumbo de avançá-las”, e ganhou a corrida.

FIBRA DE CAMPEÃO

Embora a grande maioria de nós nunca vá participar dos Jogos Olímpicos, o lema e espírito desses jogos deveria ter um grande significado para nós,

santos dos últimos dias, que acreditamos no progresso eterno, motivando-nos a estar constantemente empenhados em melhorar nosso desempenho em todos os aspectos da vida — a dar o melhor de nós, alongar os passos, tornar-nos autênticos campeões.

Vocês, meus jovens amigos, são filhos e filhas de Deus. Se tiverem fé suficiente em si próprios como filhos de Deus, e viverem de modo que mereçam suas bênçãos e auxílio, ele fará tudo o que lhe pedirem em retidão. Ao se dedicarem a criar uma vida útil para si mesmos e seus semelhantes, o Senhor os ajudará. Ele conhece seu potencial e pode ajudá-los em seu desenvolvimento até conseguirem correr mais rápido, saltar mais alto e ter mais força do que sonharam ser possível.

1936 — Jesse Owens, conquistando a vitória na prova de revezamento, numa competição entre EUA e Grã-Bretanha, em Londres.



